

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5  
NYSE: VALE, VALE.P  
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5  
HKEx: 6210, 6230  
LATIBEX: XVALO, XVALP

## UM EXCELENTE DESEMPENHO

### Desempenho da Vale no 2T11

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2011 – A Vale S.A. (Vale) obteve excelente desempenho no segundo trimestre de 2011 (2T11), o qual reflete a qualidade superior de nossos ativos em um ambiente caracterizado por forte demanda global e preços elevados de minerais e metais.

A performance operacional e financeira registrada no 2T11 evidencia melhoria significativa quando comparada ao trimestre anterior e gera momento positivo para o futuro. Dada a normalização das operações existentes e o *ramp up* com sucesso dos projetos concluídos recentemente diante de um cenário positivo de fatores sazonais e cíclicos, estamos posicionados para prosseguir na trajetória de melhoria contínua de desempenho.

Atingimos valores recorde para um segundo trimestre na geração de caixa, lucro operacional, margem operacional e lucro líquido.

A forte geração de caixa permite que a Vale lide com sucesso com o *trilema* enfrentado pelas empresas de crescimento, satisfazendo simultaneamente a demanda pelo financiamento de oportunidades de investimento, a manutenção de um balanço do sustentável e o retorno do excesso de caixa aos acionistas.

O compromisso com a disciplina na alocação de capital e criação de valor para o acionista foi evidenciado mais uma vez por decisões tomadas até agora para retornar aos acionistas um valor recorde de caixa em 2011. O Conselho de Administração aprovou um programa de recompra de ações, a ser concluído até 25 de novembro de 2011, no valor de até US\$ 3,0 bilhões. Somando-se aos US\$ 3,0 bilhões pagos no 1S11 e ao mínimo de US\$ 2,0 bilhões a ser aprovado e pago em outubro, anunciamos hoje proposta da Diretoria Executiva para aprovação do Conselho de Administração da Vale de distribuição de US\$ 3,0 bilhões em dividendos adicionais. O rigor da disciplina na alocação do capital foi também reafirmado pela decisão de encerrar acordo para a aquisição de ativos de cobre na África.

Como consequência da decisão da Justiça brasileira em processo relacionado à inclusão de receitas de exportação na base de cálculo para incidência da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido, a Vale efetuará em 29 de julho de 2011 pagamento de R\$ 5,83 bilhões, correspondentes à obrigação com o imposto devido. Não haverá impacto em nosso lucro líquido, dada a existência de provisão no balanço.

[www.vale.com](http://www.vale.com)  
[rio@vale.com](mailto:rio@vale.com)

#### Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco  
Viktor Moszkowicz  
Carla Albano Miller  
Andrea Gutman  
Christian Perlingieri  
Fernando Frey  
Marcio Loures Penna  
Samantha Pons  
Thomaz Freire

# BR GAAP - IFRS

Os principais destaques do desempenho da Vale no 2T11 foram:

- Receita operacional de R\$ 25,614 bilhões no 2T11, a maior para um segundo trimestre.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT<sup>1</sup> (lucro antes de juros e impostos), alcançou R\$ 13,165 bilhões, o maior para um segundo trimestre.
- A margem EBIT, alcançou 52,5%, a mais alta para um segundo trimestre.
- Lucro líquido de R\$ 10,275 bilhões, o equivalente a R\$ 1,94 por ação, 54,9% superior ao 2T10, um recorde para um segundo trimestre.
- Geração de caixa recorde, medida pelo EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de R\$ 14,802 bilhões. Nos últimos 12 meses atingiu R\$ 60,878 bilhões, um novo recorde.
- Vendas de produtos de minerais ferrosos - minério de ferro, pelotas, manganês e ferro ligas – R\$ 18,841 bilhões no 2T11, o maior valor para um segundo trimestre.
- Investimento atingiu US\$ 4,0 bilhões, sendo US\$ 3,1 bilhões gastos com execução de projetos e P&D.
- Um balanço bastante saudável, amparado por disponibilidades de caixa de US\$ 13,2 bilhões, baixa alavancagem, medida pela relação dívida total / LTM EBITDA, igual a 0,68x e uma dívida com maturidade média de 9,8 anos.

---

<sup>1</sup> Ao longo deste relatório, com propósito de comparação com o 2T11, os valores de EBIT, margem EBIT e EBITDA do 1T11 excluem o ganho não recorrente originado da transferência dos ativos de alumínio ocorrida no 1T11.

## INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

<i>R\$ milhões</i>	2T10	1T11	2T11	%	%
	(A)	(B)	(C)	(C/A)	(C/B)
Receita operacional	18.981	23.573	25.614	34,9	8,7
EBIT	9.008	11.426 <sup>1</sup>	13.165	46,1	15,2
Margem EBIT (%)	48,8	49,7 <sup>1</sup>	52,5		
EBITDA	10.434	13.025 <sup>1</sup>	14.802	41,9	13,6
Lucro líquido	6.635	11.291	10.275	54,9	(9,0)
Lucro líquido por ação (R\$)	1,25	2,12	1,94	55,2	(8,5)
Exportações (US\$ milhões)	5.785	7.811	9.623	66,3	23,2
Exportações líquidas (US\$ milhões)	5.630	7.085	9.297	65,1	31,2

<sup>1</sup> Todos os EBIT e EBITDA do 1T11 excluem o ganho não recorrente da transação com os ativos de alumínio no 1T11

<i>R\$ milhões</i>	1S10	1S11	%
	(A)	(B)	(B/A)
Receita operacional	32.011	49.187	53,7
EBIT	13.032	24.591	88,7
Margem EBIT (%)	42,0	51,2	
EBITDA	15.819	27.827	75,9
Lucro líquido	9.514	21.566	126,7
Lucro líquido por ação (R\$)	1,79	4,06	126,8
Exportações (US\$ milhões)	10.295	17.434	69,3
Exportações líquidas (US\$ milhões)	9.876	16.382	65,9

As demonstrações contábeis consolidadas intermediária da Companhia foram elaboradas tomando como base os padrões internacionais de contabilidade emitidos pelo International Accounting Standards Board – (IASB) e interpretações emitidas pelo International Financial Reporting Interpretations Committee – (IFRIC), implantados no Brasil através do Comitê de Pronunciamentos Contábeis – CPC e suas interpretações técnicas – ICPCs e orientações – OCPCs, aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). A Companhia adotou a partir de 1º de janeiro de 2010, retroativamente a 1 de janeiro de 2009, para fins de comparação, todos os pronunciamentos emitidos pelo CPC e aprovados pela CVM. Dessa forma, certos saldos e classificações anteriormente apresentados, estão sendo reapresentados em bases comparativas. De acordo com os critérios mencionados acima, são consolidadas as empresas nas quais a Vale tem controle efetivo ou controle compartilhado definido por acordo de acionistas. No caso das empresas onde a Vale possui controle efetivo, a consolidação é feita em base 100% e a diferença entre este valor e o percentual da participação da Vale no capital da controlada é descontado através da linha de participações minoritárias. As principais empresas controladas da Vale são: Companhia Mienera Misky Mayo S.A.C, Ferrovia Centro-Atlântica S.A, Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A, PT International Nickel Indonesia Tbk, Vale Australia Pty Ltd., Vale Colombia Ltd, Vale Fertilizantes S.A (anteriormente Fosfertil), Vale Canada Limited (anteriormente Vale Inco), Vale International S.A, Vale Manganês S.A., Vale Manganèse France, Vale Manganèse Norway e Vale Nouvelle-Caledonie SAS. No caso das empresas onde o controle é compartilhado, a consolidação é proporcional à participação que a Vale possui no capital de cada empresa. As principais empresas onde a Vale detém controle compartilhado são California Steel Industries, Inc., Hispanobras, MRS Logística S.A e Samarco Mineração S.A.

## ▼ PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS

O crescimento econômico global se desacelerou, tendo se processado a ritmo estimado inferior à sua tendência de longo prazo. Em particular, a produção industrial global teve fraco desempenho, expandindo-se à menor taxa desde o início da recuperação da Grande Recessão de 2008/2009 há vinte e quatro meses.

Apesar disso, os preços de minerais e metais permaneceram em níveis elevados, sofrendo apenas modestas correções e tendo iniciado uma recuperação desde meados de junho. Este bom comportamento dos preços deveu-se à combinação de três fatores: estoques em níveis normais, demanda global pressionada pela continuação de um crescimento robusto na Ásia emergente – ainda que a um ritmo mais lento – e expansão sob diversas restrições.

A performance da produção industrial refletiu basicamente os efeitos de entraves ao crescimento econômico e de um miniciclo de estoques.

O terremoto/tsunami Tohoku causou expressiva queda na atividade econômica do Japão, produzindo também efeitos negativos na produção global através da ruptura na cadeia de suprimentos global, fato que se tornou mais visível quando observamos a evolução da produção da indústria automobilística global.

Os choques de preços de alimentos e de petróleo comprimiram o poder de compra das famílias e, em última instância, suas despesas de consumo.

As empresas foram surpreendidas pelo excesso de estoques resultantes de descasamento, no início deste ano, entre a rápida expansão de sua produção e o lento crescimento das vendas de bens finais, o que lhes fez reagir via cortes de produção.

O desempenho das vendas e a maior percepção de risco associada ao estresse da dívida dos países periféricos da Zona do Euro contribuíram para a redução das contratações de mão-de-obra e dos gastos com investimentos, apesar da maior lucratividade e da sólida geração de caixa das empresas.

Nos Estados Unidos, onde empresas não-financeiras têm mostrado desempenho financeiro recorde, a relutância em investir é também relacionada à ausência de uma decisão para o equacionamento das questões fiscais. No momento, este impasse se constitui fonte de séria preocupação sobre o futuro da economia

americana, criando incertezas – a taxa real efetiva de câmbio do dólar americano encontra-se em seu nível mais baixo das três últimas décadas – o que, em última instância, desestimula investimentos. O debate atual sobre o teto da dívida pública americana faz parte da constatação de que a estrutura atual de impostos e dispêndios conduz a desequilíbrios insustentáveis no longo prazo.

Acreditamos que a eliminação desses entraves à expansão econômica é fundamental para as perspectivas da economia global. Ao mesmo tempo, vemos sinais de melhoria para o segundo semestre.

O impacto negativo sobre os gastos das famílias está se diluindo, à medida que os preços de alimentos e de energia se estabilizam, ainda que em níveis relativamente altos. Depois da queda inicial da produção e das exportações japonesas, ambas estão se recuperando a partir de uma base reduzida, o que significa que a economia do Japão está deixando de ser um fator negativo para se tornar propulsora do crescimento industrial global.

A produção industrial no Japão começou a se recuperar em abril, acelerando-se a partir de maio, e esperamos que continue a crescer nos próximos meses. De acordo com a pesquisa Reuters Tankan, em julho o nível de confiança das empresas japonesas tornou-se positivo pela primeira vez desde o terremoto, apontando para um crescimento moderado, mas positivo, até final do ano. Empresas de outros países que foram forçadas a reduzir a produção estão agora vendo seu fornecimento ser restaurado. À medida que isso acontece, elas podem retomar sua produção, desencadeando efeitos positivos na atividade industrial mundial.

O último estágio da recuperação dos efeitos do terremoto ainda está por vir, à medida que o investimento em reconstrução de infraestrutura, instalações industriais e prédios residenciais ganhe maior ímpeto.

Na Europa, os riscos de uma crise financeira no curto prazo foram minimizados pelo lançamento de um pacote financeiro para a Grécia. O *European Council* anunciou em 21 de julho uma série de novas medidas para a Grécia e para resguardar a estabilidade financeira na Zona do Euro.

O pacote grego e as melhores condições de financiamento oferecidas também para Portugal e

Irlanda envolvem transferência substancial de recursos dos outros membros da Zona do Euro para esses países e melhoram consideravelmente a sustentabilidade de suas dívidas. Novos empréstimos do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (EFSF) para Grécia terão maturidade de 15 a 30 anos, com 10 anos de carência e taxas de juros de aproximadamente 3,5% ao ano. As taxas e os prazos dos empréstimos do EFSF serão aplicados também para os financiamentos já disponibilizados para Grécia, Portugal e Irlanda, aliviando o peso da dívida destes países.

Simultaneamente, o risco de contágio foi tratado adequadamente através de medidas que permitem ao EFSF intervir no mercado secundário de títulos de dívida e recapitalizar instituições financeiras de países membros da Zona do Euro – incluindo aqueles que não receberam financiamento do EFSF – através de empréstimos aos governos.

Os bancos têm se mostrado receptivos à proposta de ajudar a Grécia de forma voluntária mediante menu de opções, o que reforça a sustentabilidade da região. O *Institute of International Finance*, a associação global de instituições financeiras, colocou em seu *website* uma oferta de financiamento para a Grécia, com uma série de instrumentos.

O anúncio de um aumento dos recursos do EFSF seria muito positivo; no entanto, acreditamos que as medidas já aprovadas pelas autoridades da Zona do Euro já contribuirão para uma redução expressiva dos riscos de uma crise financeira mundial. No curto prazo. Obviamente, para o longo prazo, a eficácia dessas medidas dependerá do cumprimento dos planos de consolidação fiscal e da implementação de privatizações e de medidas que tornem os mercados de trabalho mais flexíveis.

Nos Estados Unidos, a mobilização de fundos privados em larga escala para financiar investimentos fomentará o crescimento econômico global, mas dependerá da apresentação por parte do governo de um plano concreto para atacar seus desequilíbrios fiscais.

O fim do ciclo de estoques depende da recuperação das vendas finais. A Ásia está liderando a esperada aceleração das despesas globais de consumo. No Japão, por exemplo, os últimos dados divulgados revelam ganhos substanciais no 2T11 e sinalizam crescimento continuado ao longo do terceiro trimestre. Na China, as vendas do varejo apresentaram bons resultados em termos reais nos últimos meses, com vendas de automóveis mostrando

crescimento de 17,2% no 2T11 em relação ao mesmo trimestre de 2010.

O crescimento chinês no 2T11 permaneceu robusto, em 8,8% em termos anualizados e dessazonalizados em relação ao 1T11, e em 9,5% em relação ao 2T10. A expansão dos investimentos em junho foi de 25,1% em relação a junho de 2010, enquanto que a da produção industrial foi de 15,1%.

Apesar da elevação da taxa de inflação ao consumidor para 6,4% em junho, causada principalmente pela alta do preço da carne suína, continuamos a perceber que os líderes chineses têm como prioridade a promoção do crescimento econômico, com grande preocupação em relação ao risco de a política monetária ter impactos significativos na economia real. Assim, não esperamos novas medidas de aperto creditício.

O mercado global de minério de ferro permanece aquecido e esperamos que permaneça assim pelo menos pelos próximos dois anos. O índice Platts para minérios com conteúdo de Fe de 62% oscilou entre US\$ 170 e US\$ 185 por tonelada métrica durante os últimos meses, o que demonstra sua resistência às expectativas pessimistas sobre o desempenho da economia global. As importações chinesas de minério de ferro alcançaram 334.5 Mt no 1S11, o que resultou em expansão de 8,1% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Em junho de 2011, a produção mundial de aço alcançou 1,53 bilhão de toneladas métricas em termos anualizados, contra 1,21 bilhão em junho de 2009 – no fundo da Grande Recessão de 2008/2009 – e 1,42 bilhão às vésperas da crise financeira, em junho de 2008.

A despeito do aperto do crédito na China, o setor imobiliário, um dos principais responsáveis pelo consumo de aço e de minério de ferro desse país, está tendo um ótimo desempenho. As vendas aumentaram 25,4% em junho na comparação com junho anterior, contra 18,3% em maio, enquanto que a construção de novas unidades cresceu 20,9%.

O 12º plano quinquenal chinês para 2011-2015 continuará a dar apoio à expansão da demanda por *commodities*, incluindo minério de ferro, carvão e cobre. O programa de habitação social, que envolve a construção de 36 milhões de unidades, das quais 10 milhões estão programadas para 2011 e outras 10 milhões para 2012, adicionará vigor ao mercado imobiliário e à demanda por minério de ferro a partir do 2S11.

Juntamente com o investimento em habitação social, esperamos que a construção de outros tipos de moradias continue a crescer rapidamente, principalmente devido ao processo de urbanização – a China ainda é um país rural, com um nível de urbanização semelhante ao do Brasil em meados dos anos cinqüenta do século passado – e à reurbanização, que também é uma importante fonte de investimento em construção civil no país. Além disso, a urbanização e o desenvolvimento das regiões central e ocidental da China envolverão grandes investimentos em infraestrutura, outra fonte importante de demanda por metais.

Do lado da oferta global de minério de ferro, a expansão de capacidade está envolvendo enormes desafios, com grande potencial para causar atrasos na execução, cancelamentos e maiores custos de produção e de investimento.

Atualmente, uma parte importante da ampliação de capacidade é composta por projetos *greenfield*, que exigem investimentos elevados, complexos e caros em infra-estrutura, gerando elevação nos custos de *capex* por tonelada métrica que se somam às pressões de custos decorrentes de aumentos dos preços de equipamentos, matérias-primas e serviços e da depreciação do dólar americano em relação às moedas dos países produtores de minério de ferro.

Os custos operacionais aumentaram e devem continuar em alta. Além dos preços mais elevados de insumos e das moedas mais fortes, o minério de ferro de alta qualidade está se tornando cada vez mais escasso em todo o mundo, o que contribui para a alta dos custos de mineração e processamento. Este fenômeno é mais evidente entre mineradores chineses, mas também é um problema em outros países, como Austrália e Brasil.

Assim, a combinação de custos operacionais e de investimentos em níveis elevados cria pressão para que os preços se situem em níveis mais elevados para garantir a obtenção de taxas mínimas de retorno sobre investimento requeridas para a aprovação de projetos de minério de ferro.

Por fim, a necessidade de reposição de capacidade perdida significa que parte dos investimentos globais nas operações de minério de ferro será

destinada apenas para manter o fornecimento constante, e não aumentá-la.

Os preços do níquel tiveram bom desempenho frente à redução na produção global de aço inoxidável do 2T11 em relação aos níveis recordes do 1T11, ao início de operação de alguns projetos de ferro níquel e às expectativas negativas sobre a economia global. Apesar da menor produção de aço inoxidável, o nível alcançado no 2T11, de 8 Mt com ajuste sazonal, foi ainda alto.

O nível mais baixo do preço do níquel no ano, a US\$ 21.875 por tonelada métrica em 22 de junho de 2011, foi superior ao preço médio de 2010, quando a produção de aço inoxidável cresceu 21%, a maior taxa de crescimento desde 1991. A partir de meados de junho, os preços vêm se recuperando, oscilando em torno de US\$ 24.000 nas últimas semanas.

Simultaneamente, os estoques nos armazéns da LME caíram 25%, configurando a maior queda de estoques entre os vários metais base até o momento neste ano.

Este cenário reflete uma expressiva demanda por níquel para aplicações fora do aço inox, movida pela demanda final de várias indústrias, como aeroespacial, energia, mineração, automotiva e cimento, e pelo pessimismo sobre a expansão da oferta de níquel refinado proveniente de depósitos lateríticos, que constituem a maior parte dos recursos de níquel conhecidos no mundo.

Apesar dos riscos à frente, esperamos que a produção da indústria global retome o crescimento rápido, contribuindo para fortalecer a demanda por minerais e metais. Para o médio e longo prazo, os fundamentos de seus mercados permanecem bastante sólidos

Esta perspectiva nos torna otimistas quanto ao desempenho da Vale. No curto prazo, os pontos positivos vêm do fim dos problemas que restringiram a produção de minério de ferro, carvão, níquel e cobre e do sucesso do *ramp up* de vários projetos. Em uma perspectiva de mais longo prazo, vemos a entrega de novos projetos de nosso vasto *pipeline*, apoiada por rigorosa disciplina na alocação de capital, como o principal determinante de um melhor desempenho operacional e financeiro.

## ▼ RECEITA

A receita operacional totalizou R\$ 25,614 bilhões no 2T11, sendo o maior para um segundo trimestre. Houve aumento de 8,7% em relação aos R\$ 23,573 bilhões do 1T11 e 34,9% superior ao 2T10.

Preços de vendas mais elevados produziram efeito positivo de R\$ 2,228 bilhões, que se deu basicamente em função da alta dos preços de *bulk materials* que contribuiu com R\$ 2,526 bilhões, enquanto que a redução de preços médios dos metais base teve impacto negativo de R\$ 331 milhões. O aumento do volume de embarques adicionou R\$ 800 milhões à receita, principalmente devido às maiores vendas de *bulk materials*, refletidas em aumento de receita de R\$ 1,187 bilhão, enquanto que o menor volume de vendas dos metais ocasionou diminuição de R\$ 571 milhões. A apreciação da moeda brasileira contribuiu para uma redução da receita em R\$ 987 milhões, comparado ao trimestre anterior.

As vendas de *bulk materials* – minério de ferro, pelotas, minério de manganês, ferro ligas, carvão metalúrgico e térmico – representaram 75,1% da receita operacional total no 2T11, apresentando um aumento em relação aos 69,5% do 1T11.

A participação de metais base na receita total diminuiu para 13,9% ante 19,6% no trimestre anterior, fertilizantes foi de 5,4%, em linha com os 5,6% do 1T11. Serviços de logística contribuíram com 3,7%, superior aos 3,1% do 1T11 e outros produtos contribuíram com 1,9%.

As vendas para a Ásia representaram 50,9% da receita total, maior que os 49,1% do 1T11. Isto é explicado principalmente pelo aumento da participação da China para 31,3% de 29,5% no trimestre anterior. A participação do Japão cresceu para 11,4% ante 10,7% no 1T11. A parcela das vendas para as Américas sofreu uma ligeira queda para 25,9%, o que se deu face à venda dos ativos de alumínio, que tinham o Canadá como um importante mercado. A participação da Europa cresceu marginalmente de 19,2% para 19,7% no 2T11, enquanto que as vendas para o resto do mundo contribuíram com 3,5% no trimestre.

Considerando as vendas por país, a China foi a responsável pela maior parte de nossa receita no 2T11 com 31,3%, seguida pelo Brasil 18,0%, Japão 11,4%, Alemanha 6,3%, Estados Unidos 3,8% e Itália 3,4%.

<b>COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL</b>						
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>%</b>	<b>1T11</b>	<b>%</b>	<b>2T11</b>	<b>%</b>
<b>Bulk materials</b>	<b>14.168</b>	<b>74,6</b>	<b>16.386</b>	<b>69,5</b>	<b>19.248</b>	<b>75,1</b>
<b>Minerais ferrosos</b>	<b>13.835</b>	<b>72,9</b>	<b>16.129</b>	<b>68,4</b>	<b>18.841</b>	<b>73,6</b>
Minério de ferro	9.621	50,7	11.907	50,5	14.278	55,7
Serviços de operação de usinas de pelotização	6	-	7	-	8	-
Pelotas	3.729	19,6	3.878	16,5	4.234	16,5
Manganês	160	0,8	71	0,3	83	0,3
Ferro ligas	286	1,5	256	1,1	238	0,9
Outros	33	0,2	10	-	-	-
<b>Carvão</b>	<b>332</b>	<b>1,7</b>	<b>257</b>	<b>1,1</b>	<b>407</b>	<b>1,6</b>
Carvão Térmico	130	0,7	111	0,5	220	0,9
Carvão Metalúrgico	202	1,1	146	0,6	187	0,7
<b>Metais base</b>	<b>3.144</b>	<b>16,6</b>	<b>4.610</b>	<b>19,6</b>	<b>3.550</b>	<b>13,9</b>
Níquel	1.467	7,7	2.597	11,0	2.330	9,1
Cobre	419	2,2	895	3,8	785	3,1
PGMs	25	0,1	276	1,2	254	1,0
Metais preciosos	15	0,1	147	0,6	144	0,6
Cobalto	10	0,1	31	0,1	38	0,1
Alumínio primário	439	2,3	236	1,0	-	-
Alumina	724	3,8	394	1,7	-	-
Bauxita	45	0,2	34	0,1	-	-
<b>Fertilizantes</b>	<b>378</b>	<b>2,0</b>	<b>1.312</b>	<b>5,6</b>	<b>1.382</b>	<b>5,4</b>
Potássio	98	0,5	104	0,4	108	0,4
Fosfatados	193	1,0	893	3,8	930	3,6
Nitrogenados	64	0,3	287	1,2	310	1,2
Outros	23	0,1	28	0,1	34	0,1
<b>Serviços de logística</b>	<b>895</b>	<b>4,7</b>	<b>719</b>	<b>3,1</b>	<b>950</b>	<b>3,7</b>
<b>Ferrovias</b>	<b>703</b>	<b>3,7</b>	<b>588</b>	<b>2,5</b>	<b>757</b>	<b>3,0</b>
<b>Portos</b>	<b>192</b>	<b>1,0</b>	<b>131</b>	<b>0,6</b>	<b>193</b>	<b>0,8</b>
<b>Outros</b>	<b>397</b>	<b>2,1</b>	<b>546</b>	<b>2,3</b>	<b>484</b>	<b>1,9</b>
<b>Total</b>	<b>18.981</b>	<b>100,0</b>	<b>23.573</b>	<b>100,0</b>	<b>25.614</b>	<b>100,0</b>



RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO						
R\$ milhões	2T10	%	1T11	%	2T11	%
<b>América do Norte</b>	<b>923</b>	<b>4,9</b>	<b>1.897</b>	<b>8,0</b>	<b>1.422</b>	<b>5,6</b>
EUA	567	3,0	1.082	4,6	986	3,8
Canadá	337	1,8	775	3,3	406	1,6
Outros	19	0,1	40	0,2	30	0,1
<b>América do Sul</b>	<b>3.683</b>	<b>19,4</b>	<b>4.708</b>	<b>20,0</b>	<b>5.206</b>	<b>20,3</b>
Brasil	3.209	16,9	4.191	17,8	4.606	18,0
Outros	473	2,5	517	2,2	599	2,3
<b>Ásia</b>	<b>8.919</b>	<b>47,0</b>	<b>11.581</b>	<b>49,1</b>	<b>13.047</b>	<b>50,9</b>
China	5.168	27,2	6.961	29,5	8.012	31,3
Japão	1.943	10,2	2.533	10,7	2.924	11,4
Coreia do Sul	567	3,0	714	3,0	997	3,9
Taiwan	508	2,7	600	2,5	544	2,1
Outros	733	3,9	773	3,3	570	2,2
<b>Europa</b>	<b>4.438</b>	<b>23,4</b>	<b>4.515</b>	<b>19,2</b>	<b>5.050</b>	<b>19,7</b>
Alemanha	1.385	7,3	1.568	6,7	1.619	6,3
Bélgica	121	0,6	132	0,6	206	0,8
França	201	1,1	283	1,2	434	1,7
Reino Unido	698	3,7	620	2,6	678	2,6
Itália	534	2,8	778	3,3	871	3,4
Outros	1.499	7,9	1.134	4,8	1.241	4,8
<b>Resto do mundo</b>	<b>1.018</b>	<b>5,4</b>	<b>872</b>	<b>3,7</b>	<b>890</b>	<b>3,5</b>
<b>Total</b>	<b>18.981</b>	<b>100,0</b>	<b>23.573</b>	<b>100,0</b>	<b>25.614</b>	<b>100,0</b>

## ▼ CUSTOS

O aumento do volume de vendas levou a maiores custos no 2T11. Excluindo esse efeito, nossos custos foram reduzidos em comparação ao 1T11, evidenciando nosso compromisso com a minimização de custos ao longo dos ciclos, mesmo enfrentando pressões decorrentes de mercados aquecidos por mão-de-obra, equipamentos, peças sobressalentes e insumos. Conforme já mencionado anteriormente, essas pressões são o outro lado da moeda da forte demanda global por minérios e metais.

Como divulgado anteriormente, concluímos uma transação envolvendo nossos ativos de alumínio em 28 de fevereiro de 2011. Consequentemente, os custos das operações de alumínio foram apenas contabilizados para os meses de janeiro e fevereiro no 1T11, totalizando 5,2% de nossos custos, em R\$ 498 milhões.

Para oferecer uma comparação adequada do custo de produtos vendidos (CPV), excluindo o efeito das operações de alumínio, preparamos a tabela “RECONCILIAÇÃO DO CPV”.

<b>RECONCILIAÇÃO DO CPV</b>		
<i>R\$ milhões</i>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
<b>Serviços contratados</b>	<b>1.402</b>	<b>1.660</b>
<b>Material</b>	<b>1.721</b>	<b>1.833</b>
<b>Energia</b>	<b>1.275</b>	<b>1.237</b>
Combustível e gases	874	867
Energia elétrica	401	370
<b>Aquisição de produtos</b>	<b>539</b>	<b>695</b>
Minério de ferro e Pelotas	179	317
Produtos de níquel	239	285
Outros produtos	121	93
<b>Pessoal</b>	<b>1.178</b>	<b>1.259</b>
<b>Depreciação e exaustão</b>	<b>1.433</b>	<b>1.407</b>
<b>Centro de serviços compartilhados</b>	<b>151</b>	<b>170</b>
<b>Outros</b>	<b>1.317</b>	<b>1.136</b>
<b>Total</b>	<b>9.016</b>	<b>9.397</b>

No 2T11, o CPV subiu R\$ 381 milhões numa comparação trimestre a trimestre, alcançando R\$ 9,397 bilhões. O aumento foi primeiramente devido a maiores vendas, que representaram um acréscimo de R\$ 693 milhões.

O custo de serviços contratados somou R\$ 1,660 bilhão – 17.7% do CPV – contra R\$ 1,402 bilhão no 1T11. Do aumento de R\$ 258 milhões, (i) R\$ 146 milhões foram decorrentes do maior volume de vendas, e (ii) pelo acréscimo retroativo da tarifa para uso dos serviços de frete ferroviário da MRS para o primeiro semestre do ano em R\$ 62 milhões.

O custo com materiais – 19.5% do CPV – foi de R\$ 1,833 bilhão, um aumento de 6,5% contra o 1T11. Excluindo o efeito de maiores vendas (R\$ 128 milhões) e da variação cambial<sup>2</sup>, os custos com materiais caíram 18 milhões com relação ao 1T11.

Despesas com pessoal alcançaram R\$ 1,259 bilhão, representando 13.4% do CPV, contra R\$ 1,178 bilhão no primeiro trimestre. Vale mencionar que na medida em que as operações da Vale estão expandindo, o quadro de funcionários vem crescendo, gerando maiores custos com pessoal. O número de funcionários subiu de 70.802 em março de 2011<sup>3</sup> para 74.076.

No 2T11, os gastos com consumo de energia representaram 13,2% do CPV. Caíram para R\$ 1,237 bilhão, exibindo um decréscimo de 3,0% quando comparado com o trimestre anterior. Os custos com o consumo de eletricidade caíram 7,7% para R\$ 370 milhões, enquanto que as despesas com gases e combustíveis tiveram uma pequena diminuição para R\$ 867 milhões.

Maiores volumes vendidos contribuíram para maiores gastos com consumo de energia em R\$ 49 milhões, o que foi mais que compensado pelo efeito combinado de menores custos de energia elétrica em R\$ 31 milhões, e a queda dos preços de gases naturais usados no processo de pelletização (R\$ 44 milhões).

O custo de aquisição de produtos de terceiros resultou em R\$ 695 milhões – 7,4% do CPV – contra R\$ 539 milhões no 1T11.

As compras de minério de ferro e pelotas foram R\$ 317 milhões, contra R\$ 179 milhões no trimestre anterior. O volume de minério de ferro adquirido de pequenas mineradoras somou 2,2 Mt no 2T11, comparado a 2,0 Mt no 1T11.

<sup>2</sup> A composição do CPV por moeda no 2T11 foi: 65% em reais; 16% em dólares americanos, 13% em dólares canadenses, 1% em rúpia indonésia e 5% em outras moedas.

<sup>3</sup> O número de funcionários de março foi ajustado considerando 1.173 empregados que trabalhavam para nossas operações de alumínio.

Despesas com a compra de produtos de níquel aumentaram de R\$ 239 milhões no 1T11 para R\$ 285 milhões, devido ao maior volume adquirido, que subiu de 3.200 t no 1T11 para 5.400 t, decorrente da estratégia da Vale de honrar todos os contratos mesmo enfrentando problemas no *smelter* de Copper Cliff.

O custo com serviços compartilhados atingiu R\$ 170 milhões no 2T11, aumentando R\$ 19 milhões em relação ao 1T11, como consequência do aluguel de novos equipamentos de TI.

Os outros custos operacionais diminuíram para R\$ 1,136 bilhão contra R\$ 1,317 bilhão no 1T11, principalmente devido a reclassificação de parte dos custos de VNC como outras despesas operacionais.

As despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) totalizaram R\$ 744 milhões no 2T11, R\$ 12 milhões abaixo do 1T11. As menores despesas com SG&A são principalmente explicadas pela queda nas despesas com vendas (R\$ 22 milhões), o que foi parcialmente compensado por maiores despesas com serviços de consultoria em R\$ 8 milhões.

Pesquisa e desenvolvimento (P&D), que refletem investimentos na criação de oportunidades de crescimento de longo prazo, resultaram em gastos de R\$ 586 milhões, R\$ 12 milhões maiores que no 1T11<sup>4</sup>.

Outras despesas operacionais alcançaram R\$ 1,172 bilhão, ante R\$ 715 milhões no 1T11, principalmente devido ao acréscimo de R\$ 331 milhões dos custos pré-operacionais e de despesas relacionadas ao *start-up* de operações que alcançaram R\$ 550 milhões no 2T11. Este resultado foi determinado principalmente pela expansão nas despesas de *start up* da VNC, de R\$ 169 milhões no 1T11 para R\$ 321 milhões, e nos custos pré-operacionais relacionados à Onça Puma, de R\$ 168 milhões ante R\$ 28 milhões no último trimestre. Adicionalmente, reconhecemos no 2T11 contingências de R\$ 127 milhões.

COMPOSIÇÃO DO CPV						
R\$ milhões	2T10	%	1T11	%	2T11	%
<b>Serviços contratados</b>	<b>1.080</b>	<b>14,0</b>	<b>1.478</b>	<b>15,5</b>	<b>1.660</b>	<b>17,7</b>
Transportes	279	3,6	321	3,4	393	4,2
Manutenção	263	3,4	319	3,4	329	3,5
Serviços operacionais	297	3,8	330	3,5	377	4,0
Outros	241	3,1	508	5,3	561	6,0
<b>Material</b>	<b>1.478</b>	<b>19,1</b>	<b>1.868</b>	<b>19,6</b>	<b>1.833</b>	<b>19,5</b>
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	550	7,1	576	6,1	613	6,5
Insumos	612	7,9	876	9,2	803	8,5
Pneus e correias transportadoras	75	1,0	90	0,9	97	1,0
Outros	241	3,1	326	3,4	320	3,4
<b>Energia</b>	<b>1.445</b>	<b>18,7</b>	<b>1.483</b>	<b>15,6</b>	<b>1.237</b>	<b>13,2</b>
Óleo combustível e gases	912	11,8	981	10,3	867	9,2
Energia elétrica	533	6,9	502	5,3	370	3,9
<b>Aquisição de produtos</b>	<b>441</b>	<b>5,7</b>	<b>557</b>	<b>5,9</b>	<b>695</b>	<b>7,4</b>
<b>Pessoal</b>	<b>870</b>	<b>11,3</b>	<b>1.211</b>	<b>12,7</b>	<b>1.259</b>	<b>13,4</b>
<b>Depreciação e exaustão</b>	<b>1.146</b>	<b>14,8</b>	<b>1.441</b>	<b>15,1</b>	<b>1.407</b>	<b>15,0</b>
<b>Outros</b>	<b>1.272</b>	<b>16,4</b>	<b>1.476</b>	<b>15,5</b>	<b>1.306</b>	<b>13,9</b>
<b>Total</b>	<b>7.732</b>	<b>100,0</b>	<b>9.514</b>	<b>100,0</b>	<b>9.397</b>	<b>100,0</b>

<sup>4</sup> O valor das despesas com pesquisa e desenvolvimento é contábil pelo critério BRGAAP. Na seção Investimento neste *press release*, apresentamos o valor de US\$ 419 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrado de acordo com o efetivo desembolso financeiro no 2T11.

## ▼ LUCRO OPERACIONAL

O lucro operacional, medido pelo EBIT, de R\$ 13,165, foi o maior para um segundo trimestre. Seu valor foi 15,2% acima dos R\$ 11,426 bilhões do trimestre anterior e 46,1% acima dos R\$ 9,008 bilhões do 2T10.

O aumento de R\$ 1,739 bilhão em relação ao 1T11 foi explicado principalmente pelo aumento nos preços realizados, R\$ 2,227 bilhões, e maiores volumes de venda, R\$ 108 milhões, tendo sido parcialmente compensado pelo aumento das despesas pré-operacionais e de *start-up*, R\$ 179 milhões. A elevação de tais gastos ocorre naturalmente em função do atingimento da fase de conclusão dos diversos projetos em construção. Na medida em que o estágio operacional é alcançado tais custos passam a ser contabilizados no CPV, quando ocorre em contrapartida a geração de receitas.

A margem EBIT no 2T11 cresceu para 52,5% ante 49,7% no 1T11 e 48,8% no 2T10, sendo um recorde para um segundo trimestre.

## ▼ LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido atingiu R\$ 10,275 bilhões, sendo o maior valor para um segundo trimestre. O lucro líquido por ação foi de R\$ 1,94.

O resultado financeiro líquido no 2T11 aumentou o lucro líquido em R\$ 925 milhões, enquanto que no 1T11, o resultado financeiro líquido contribuiu para redução do lucro líquido em R\$ 268 milhões.

A receita financeira chegou a R\$ 357 milhões, maior do que o valor de R\$ 281 milhões do trimestre anterior. As despesas financeiras caíram de R\$ 1,0 bilhão no 1T11 para R\$ 855 milhões. A marcação do mercado das debêntures participativas causaram um impacto positivo de R\$ 45 milhões, o que ajudou a diminuir as despesas financeiras.

No 2T11, o efeito líquido da marcação a mercado das transações com derivativos foi positivo em R\$ 575 milhões comparado a R\$ 399 milhões no 1T11. Essas transações produziram impacto positivo no fluxo de caixa de R\$ 207 milhões contra R\$ 47 milhões no 1T11.

O resultado líquido dos *swaps* de moedas e taxas de juros, estruturados principalmente para converter nossa dívida em reais para dólar americano para proteger nosso fluxo de caixa da volatilidade cambial, produziu efeito positivo não caixa de R\$ 581 milhões no 2T11 e geraram efeito caixa positivo de R\$ 179 milhões.

Nossas posições com derivativos de níquel produziram efeito negativo não caixa de R\$ 8 milhões no 2T11, mas um efeito caixa positivo de R\$ 3 milhões no nosso fluxo de caixa.

As transações de derivativos relacionadas ao *bunker oil*, combustível utilizado em navios, estruturados para minimizar a volatilidade do custo de frete marítimo, tiveram impacto não caixa positivo de R\$ 2 milhões, e geraram efeito caixa positivo no nosso fluxo de caixa de R\$ 24 milhões.

Como consequência da apreciação do real, nossa moeda funcional, em relação ao dólar americano<sup>5</sup>, a variação monetária e cambial líquida causou um impacto positivo em nosso lucro líquido de R\$ 848 milhões no 2T11, contra R\$ 52 milhões no trimestre anterior.

O resultado da equivalência patrimonial chegou a R\$ 81 milhões, bem acima dos R\$ 18 milhões no 1T11.

---

<sup>5</sup> Do início ao final do 2T11, o real apreciou-se em 4,2% contra o dólar americano.

## ✓ GERAÇÃO DE CAIXA

A geração de caixa, medida pelo EBITDA, registrou novo recorde para um segundo trimestre, totalizando R\$ 14,802 bilhões, sendo 13,6% superior ao trimestre anterior. Nos últimos doze meses, findos em 30 de junho de 2011, o EBITDA totalizou R\$ 60,878 bilhões, recorde na história da Vale.

A participação do segmento de *bulk materials* aumentou para 94,5% ante 87,5% no 1T11, enquanto que a participação do segmento de metais base diminuiu para 8,1% de 15,7% no trimestre passado. A participação de fertilizantes sofreu um leve aumento em comparação com o trimestre anterior para 2,3%, enquanto que o segmento de logística representou 1,2%. Outros segmentos e as despesas com P&D reduziram o EBITDA em 6,1%.

EBITDA			
R\$ milhões	2T10	1T11	2T11
Receita operacional líquida	18.470	22.985	25.064
CPV	(7.732)	(9.514)	(9.397)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(664)	(756)	(744)
Pesquisa e desenvolvimento	(359)	(574)	(586)
Outras despesas operacionais	(707)	(715)	(1.172)
Resultado na venda de ativos	-	2.492	-
<b>EBIT</b>	<b>9.008</b>	<b>13.918</b>	<b>13.165</b>
Depreciação, amortização e exaustão	1.356	1.599	1.553
Dividendos recebidos	70	-	84
<b>EBITDA</b>	<b>10.434</b>	<b>15.517</b>	<b>14.802</b>

## ✓ INVESTIMENTOS

### • Crescimento orgânico

Investimentos no 2T11 chegaram a US\$ 4,036 bilhões. US\$ 2,656 bilhões foram gastos na execução de projetos, US\$ 419 milhões em pesquisa e desenvolvimento (P&D) e US\$ 960 milhões na manutenção das operações existentes.

O *capex* – excluindo aquisições – totalizou US\$ 6,779 bilhões no primeiro semestre, aumentando 49,5% em relação aos US\$ 4,533 bilhões investidos no mesmo período de 2010. Nossos investimentos refletem o foco no crescimento orgânico como a nossa principal prioridade estratégica. Do total investido, 77,2% foi alocado para financiar crescimento, envolvendo execução de projetos e P&D.

No 2T11, os investimentos em P&D compreenderam US\$ 117 milhões em exploração mineral, US\$ 42 milhões na exploração de gás natural, US\$ 238 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade de projetos e US\$ 22 milhões para desenvolver novos processos e inovações e adaptações tecnológicas. Nossos esforços na exploração mineral são liderados por nosso próprio time de geólogos. Entretanto, para complementar nossas iniciativas usamos também a expertise de *junior mining companies* altamente especializadas através de transações *farm in and farm out*. Os gastos financeiros dessas transações são contabilizadas em investimentos em P&D.

Investimentos de US\$ 1,553 bilhão foram realizados no segmento de *bulk materials*, US\$ 1,078 bilhão em metais base, US\$ 842 milhões em logística, US\$ 293 milhões em fertilizantes, US\$ 105 milhões em geração de energia, US\$ 43 milhões em projetos siderúrgicos e US\$ 122 milhões em atividades corporativas e outros segmentos de negócios.

A primeira das duas usinas de pelotização na zona industrial de Sohar, em Omã, atingiu a estabilidade na sua capacidade nominal de produção, enquanto a segunda usina está prevista para iniciar o processo de *ramp-up* no 4Q11.

Estamos no processo de *ramp-up* da primeira linha de produção de Onça Puma, no Pará. A segunda linha está na etapa final de montagem e os sistemas principais já foram comissionados.

Continuamos a avançar no comissionamento do projeto de carvão Moatize, em Moçambique. O comissionamento do primeiro módulo de *coal handling preparation plant* (CHPP) foi finalizado enquanto a conclusão do comissionamento do segundo módulo está planejada para outubro. A operação do forno está começando a ser testada, sendo inicialmente alimentado pelo primeiro módulo do CHPP, com planejamento para começar a operar plenamente em outubro.

A mina de cobre de Salobo, em Carajás, está prevista para começar em dezembro de 2011. A estação de geração e a linha de transmissão de energia já estão operantes e estamos finalizando o comissionamento da área seca da planta, o que compreende as fases de britagem e peneiramento.

A usina hidrelétrica de Karebbe, em Sorowako, Indonésia, iniciará a operação da primeira de suas três turbinas nos próximos dias. A operação de Karebbe terá um papel importante em nossos esforços de controlar os custos de produção das nossas operações de níquel na Indonésia. Ao mesmo tempo, vai permitir um aumento marginal na capacidade de produção.

No primeiro semestre do ano, desembolsamos 28% dos US\$ 24,0 bilhões orçados para investimentos em 2011. Continuamos a enfrentar desafios para executar nossos projetos, como atrasos no licenciamento ambiental, desenvolvimento de projetos e obras de engenharia civil.

Em linha com o nosso compromisso com a disciplina na alocação de recursos, estamos continuamente monitorando os custos e reavaliando os retornos esperados para maximizar a geração de valor ao acionista. De forma a melhorar os padrões de execução de projetos, estamos focando na avaliação dos riscos de atrasos e aumentos de *capex*.

A depreciação do dólar americano, o aumento nos custos de engenharia e de construção devidos ao aumento significativo dos investimentos de mineração no mundo, atrasos na execução e comissionamento de projetos, bem como esforços adicionais para manter o cronograma de execução planejado estão gerando diversas pressões nos custos em nossos investimentos. Consequentemente, nosso Conselho de Administração aprovou aumento de orçamento para três projetos: (a) Salobo para US\$ 2,332 bilhões de US\$ 1,808 bilhão; (b) Onça Puma para US\$ 3,168 bilhões de US\$ 2,841 bilhões; e (c) Estreito, nossa primeira usina hidrelétrica no nordeste do Brasil, na fronteira entre Maranhão e Tocantins, para US\$ 878 milhões de US\$ 703 milhões.

- **Gestão do portfólio de ativos**

Em 15 de julho de 2011, a Vale arquivou na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) o edital e pedido de registro de oferta pública de aquisição de ações (OPA) de até 100% das ações de emissão de nossa subsidiária Vale Fertilizantes S.A. (Vale Fertilizantes) em circulação no mercado. A OPA compreende pagamento das ações em dinheiro, ao preço de R\$ 25,00 por ação, tanto para ações ordinárias quanto para as ações preferenciais, representando um desembolso total pela Vale de até R\$ 2,22 bilhões.

Também em julho, a Vale assinou acordo para a constituição de uma *joint venture* com a sua subsidiária Vale Fertilizantes S.A. com o propósito de explorar a concessão de um terminal marítimo perto de Santos, em São Paulo. A Vale pagará US\$ 95 milhões para aquisição de 51% na *joint venture* e irá investir US\$ 274 milhões na expansão do terminal para aumentar sua capacidade. A formação da *joint venture* posiciona a Vale para atender ao crescimento do agronegócio no Brasil, ao mesmo tempo em que contribui para melhorar a infra-estrutura de logística do nosso negócio de fertilizantes.

A Vale concordou com o pedido para encerrar o acordo referente à oferta anteriormente anunciada para adquirir o capital total da Metorex, sem a intenção de igualar os termos da oferta concorrente para a Metorex. A decisão da Vale é consistente com sua rigorosa disciplina de alocação de capital, que é um dos pilares da nossa estratégia de criação de valor ao acionista de forma sustentável.

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA						
US\$ milhões	2T10	%	1T11	%	2T11	%
<b>Crescimento orgânico</b>	<b>1.968</b>	<b>82,9</b>	<b>2.159</b>	<b>78,7</b>	<b>3.075</b>	<b>76,2</b>
Projetos	1.694	71,3	1.803	65,7	2.656	65,8
P&D	273	11,5	356	13,0	419	10,4
<b>Sustentação das operações existentes</b>	<b>407</b>	<b>17,1</b>	<b>584</b>	<b>21,3</b>	<b>960</b>	<b>23,8</b>
<b>Total</b>	<b>2.375</b>	<b>100,0</b>	<b>2.743</b>	<b>100,0</b>	<b>4.036</b>	<b>100,0</b>

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO						
US\$ milhões	2T10	%	1T11	%	2T11	%
Bulk materials	806	33,9	814	29,7	1.553	38,5
Minerais ferrosos	628	26,4	649	23,6	1.253	31,1
Carvão	178	7,5	165	6,0	300	7,4
Metais não ferrosos	655	27,6	649	23,7	1.078	26,7
Fertilizantes	174	7,3	156	5,7	293	7,3
Logística	422	17,8	730	26,6	842	20,9
Energia	164	6,9	209	7,6	105	2,6
Aço	41	1,7	65	2,4	43	1,1
Outros	113	4,8	121	4,4	122	3,0
<b>Total</b>	<b>2.375</b>	<b>100,0</b>	<b>2.743</b>	<b>100,0</b>	<b>4.036</b>	<b>100,0</b>

## ▼ INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total chegou a US\$ 24,459 bilhões em 30 de junho de 2011, com prazo médio de 9,8 anos e custo médio de 4,75% ao ano. A dívida líquida<sup>(c)</sup> caiu de US\$ 11,936 bilhões para US\$ 11,232 bilhões, principalmente devido ao aumento de US\$ 1,416 bilhão na posição caixa para US\$ 13,227 bilhões em 30 de junho de 2011.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado<sup>(d)</sup>, foi de 0,68x em 30 de junho de 2011, levemente abaixo de 0,73x em 31 de março de 2011, o que demonstra redução significativa a partir de 1,8x em 30 de junho de 2010. A relação dívida total/*enterprise value*<sup>(e)</sup> foi de 13,9% em 30 de junho de 2011, *versus* 13,0% em 31 de março de 2011.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado/LTM pagamento de juros<sup>(f)</sup>, aumentou para 28,4x ante 27,2x em 31 de março de 2011 e 12,7x em 30 de junho de 2010.

Consideradas as posições de hedge, 25% da dívida total em 30 de junho de 2011 estava atrelada a taxas de juros flutuantes e 75% a taxas fixas, enquanto 97% estava denominada em dólares americanos e o restante em outras moedas.

Em abril de 2011, pagamos a primeira parcela do dividendo mínimo de 2011, que totalizou US\$ 2 bilhões.

No dia 30 de junho de 2011, o Conselho de Administração aprovou um programa de recompra de ações até US\$ 3 bilhões. O programa inclui a recompra de até 84.814.902 ações ordinárias e 102.231.122 ações preferenciais, representando até 5,9% do número total de ações em circulação (*free float*), com base na posição acionária de 31 de maio de 2011. O programa será executado durante o período de até 180 dias, de 31 de maio de 2011 até 25 de novembro de 2011. As ações recompradas pela Vale serão canceladas após o término do programa.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO			
US\$ milhões	2T10	1T11	2T11
Dívida bruta	23.959	23.747	24.459
Dívida líquida	17.724	11.936	11.232
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado(x)	1,8	0,7	0,7
LTM EBITDA ajustado/ LTM pagamento de juros (x)	12,7	27,2	28,4
Dívida bruta / EV (%)	17,0	13,0	13,9

## ✓ O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

### ▪ Bulk materials

#### • Minerais ferrosos

O volume vendido de minério de ferro e pelotas atingiu 73,503 milhões de toneladas métricas (Mt), 7,2% maior que no 1T11. Os embarques de minério de ferro foram de 60,642 Mt, 8,6% superior ao 1T11, enquanto que as vendas de pelotas totalizaram 12,861 Mt, em linha com 12,770 Mt no trimestre anterior,.

As operações no 2T11 continuaram a ser impactadas pelas chuvas intensas em Carajás, o que inclusive levou à desaceleração no processo de descarga de trens no terminal marítimo de Ponta da Madeira, devido ao grau mais elevado de umidade do minério. Além disso, houve problemas com um virador de vagões que sofreu manutenções corretivas durante o trimestre. Uma vez que os problemas sofridos no 2T11 foram superados, há potencial para crescimento em 2011 e ampliação da exposição ao ciclo de preços elevados de minérios e metais.

Continuamos a trabalhar no aperfeiçoamento da precificação do *value-in-use* (VIU) de nossos produtos, cuja alta qualidade é importante diferencial competitivo no mercado global de minério de ferro. Desta forma, nosso modelo de precificação de pelotas passou a incluir prêmio para cada percentual de ferro contido nos nossos produtos acima dos 62% usados como referência no mercado à vista, e um prêmio de conversão que reflete a dinâmica de oferta e demanda do mercado de pelotas.

Embora esta mudança não seja necessariamente traduzida em variações significativas de preços, seu propósito é assegurar que os preços relativos expressem mais fielmente a avaliação pelo mercado dos diferentes tipos de pelotas, sendo desse modo uma importante ferramenta de sinalização das preferências dos clientes, nos permitindo assim melhor atender à sua demanda.

A participação da China nas vendas de minério de ferro e pelotas caiu de 42,3% para 41,7% no 1T11. A participação da Europa demonstrou um leve crescimento de 20,4% para 20,6%, enquanto que as vendas para o Japão cresceram de 10,4% para 11,2% no 1T11.

É importante ressaltar que as receitas reportadas para o minério de ferro e pelotas são líquidas dos custos de frete marítimo, com isso os preços de venda *cost and freight* (CFR) são comparáveis com a média dos preços FOB. No 2T11, a Vale vendeu 17,4 Mt de minério de ferro e pelotas na base CFR, contra 16,8 Mt no 1T11.

O volume vendido de manganês no 2T11 alcançou 280.000 toneladas métricas, com um aumento de 28,4% com relação ao 1T11, o que foi parcialmente compensado pelo decréscimo no preço médio realizado. Diferentemente dos preços das matérias primas siderúrgicas, os preços de manganês que estavam se recuperando depois da mínima alcançada no 3T09, começaram a cair no 2S10, refletindo o excesso de estoques mundiais.



As vendas de manganês alcançaram R\$ 83 milhões, acima dos R\$ 71 milhões no 1T11. As vendas de ferro ligas totalizaram 101.000 toneladas métricas, levemente abaixo do volume vendido no 1T11 (105.000 toneladas métricas), e geraram uma receita de R\$ 238 milhões, contra R\$ 256 milhões no 1T11.

As vendas dos produtos de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferro ligas – totalizaram uma receita de R\$ 18,841 bilhões no 2T11, aumentando 16,8% em relação aos R\$ 16,129 bilhões no 1T11.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi 71,4% no 2T11, superior aos 67,8% do 1T11.

O EBITDA para o segmento de minerais ferrosos totalizou R\$ 13,954 bilhões no 2T11, com um acréscimo de 21,3% em relação ao 1T11. O aumento de R\$ 2,446 bilhões foi principalmente devido ao impacto de maiores preços realizados e maior volume vendido.

<b>BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS</b>						
<b>VOLUME VENDIDO</b>						
<i>mil toneladas</i>	<b>2T10</b>		<b>1T11</b>		<b>2T11</b>	
Minério de ferro	57.081		55.816		60.642	
Pelotas	12.946		12.770		12.861	
<b>Total</b>	<b>70.027</b>		<b>68.586</b>		<b>73.503</b>	
Manganês	345		218		280	
Ferro ligas	105		105		101	
<b>VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO</b>						
<i>milhões de toneladas</i>	<b>2T10</b>	<b>%</b>	<b>1T11</b>	<b>%</b>	<b>2T11</b>	<b>%</b>
<b>Ásia</b>	<b>39,6</b>	<b>56,6</b>	<b>41,6</b>	<b>60,7</b>	<b>45,0</b>	<b>61,2</b>
China	27,7	39,5	29,0	42,3	30,6	41,7
Japão	6,5	9,3	7,1	10,4	8,3	11,2
Coréia do Sul	2,9	4,2	2,6	3,8	3,9	5,3
Asia Emergente (ex China)	2,5	3,5	2,9	4,2	2,1	2,9
<b>Europa</b>	<b>17,4</b>	<b>24,8</b>	<b>14,0</b>	<b>20,4</b>	<b>15,2</b>	<b>20,6</b>
Alemanha	6,4	9,2	5,9	8,6	5,5	7,5
Reino Unido	3,0	4,3	0,9	1,3	1,0	1,4
França	0,8	1,2	1,1	1,5	1,8	2,5
Itália	2,6	3,7	2,8	4,1	3,0	4,1
Outros	4,6	6,5	3,3	4,8	3,9	5,3
<b>Brasil</b>	<b>8,5</b>	<b>12,1</b>	<b>8,3</b>	<b>12,2</b>	<b>9,1</b>	<b>12,3</b>
<b>EUA</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Resto do Mundo</b>	<b>4,5</b>	<b>6,5</b>	<b>4,6</b>	<b>6,7</b>	<b>4,3</b>	<b>5,9</b>
<b>Total</b>	<b>70,0</b>	<b>100,0</b>	<b>68,6</b>	<b>100,0</b>	<b>73,5</b>	<b>100,0</b>
<b>RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO</b>						
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>		<b>1T11</b>		<b>2T11</b>	
Minério de ferro	9.621		11.907		14.278	
Serviços de operação de usinas de pelotização	6		7		8	
Pelotas	3.729		3.878		4.234	
Manganês	160		71		83	
Ferro ligas	286		256		238	
Outros	33		10		-	
<b>Total</b>	<b>13.835</b>		<b>16.129</b>		<b>18.841</b>	
<b>INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS</b>						
	<b>2T10</b>		<b>1T11</b>		<b>2T11</b>	
Margem EBIT (%)	64,4		67,8		71,4	
EBITDA (R\$ milhões)	9.368		11.508		13.954	

- **Carvão**

No 2T11, os embarques de carvão alcançaram 1,910 Mt compreendidos por 1,454 Mt de carvão térmico e 456.000 t de carvão metalúrgico, 46,4% acima do trimestre anterior. O grande aumento de embarques de carvão térmico – 625.000 t – se deve à normalização da nossa capacidade portuária na Colômbia, depois que barcaças e guindastes flutuantes foram danificados por condições climáticas adversas em dezembro de 2010.

A receita de vendas do carvão alcançou R\$ 407 milhões no 2T11, com um aumento de 58,5% na comparação trimestral. Os maiores volumes de vendas e preços tiveram um impacto positivo de R\$ 119 milhões e R\$ 49 milhões, respectivamente. No 2T11, a receita proveniente do embarque do carvão metalúrgico foi de R\$ 187 milhões, aumentando 28,2% na comparação trimestral. A receita do embarque de carvão térmico alcançou R\$ 220 milhões, quase o dobro dos R\$ 111 milhões do 1T11.

O EBITDA produzido pelo negócio de carvão aumentou em R\$ 154 milhões no 2T11, pois passou de um resultado negativo de R\$ 115 milhões no 1T11 para R\$ 39 milhões positivos. Esse aumento foi principalmente devido a menores despesas de SG&A, maiores preços, e maiores volumes vendidos.

<b>BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO</b>			
<b>VOLUME VENDIDO</b>			
<i>mil toneladas</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Carvão térmico	1.390	829	1.454
Carvão metalúrgico	855	476	456
<b>RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO</b>			
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Carvão térmico	130	111	220
Carvão metalúrgico	202	146	187
<b>INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS</b>			
	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Margem EBIT (%)	(22,9)	(80,9)	(23,1)
EBITDA (R\$ milhões)	(17)	(115)	39

- **Metais base**

A receita no 2T11 totalizou R\$ 3,550 bilhões, 10,0% menor que no 1T11, mas 83,4% maior que no 2T10. A queda de preços reduziu a receita em R\$ 334 milhões, enquanto que o aumento dos volumes embarcados deu uma contribuição positiva de apenas R\$ 87 milhões.

A receita de níquel alcançou R\$ 2,330 bilhões no 2T11, 10,3% menor que no 1T11, quando totalizaram R\$ 2,597 bilhões. O menor preço contribuiu para uma redução de R\$ 118 milhões da receita, enquanto que a diminuição dos embarques, principalmente devido à paralização do forno 2 do *smelter* de Copper Cliff, contraiu a receita em R\$ 45 milhões.

Os embarques de níquel caíram para 57.000 t a partir de 58.000 t no 1T11. O problema com Copper Cliff também impactou a produção e as vendas dos sub-produtos de níquel produzidos em nossas operações canadenses, como o cobre, cobalto e PGMs.

A receita de cobre totalizou R\$ 785 milhões no 2T11, caindo 12,3% se comparado aos R\$ 895 milhões do 1T11. Os embarques alcançaram 55.000 t, 3,7% acima do 1T11, mas representaram um aumento de 45,3% em comparação ao número do 2T10, 38.000 t.

No 2T11, PGMs tiveram uma receita de R\$ 254 milhões, levemente inferior ao atingido no trimestre anterior, R\$ 276 milhões. A queda de 8,0% se deu principalmente pelo menor preço médio de platina em relação ao 1T11.

A margem do EBIT de metais base caiu de 28,9% para 11,3% no 2T11, mas aumentou se comparado aos 6,9% do 2T10.

O EBITDA no 2T11 totalizou R\$ 1,203 bilhão, 41,1% menor que no trimestre anterior, mas 29,6% maior que no 2T10. O decréscimo foi devido principalmente ao menor volume de vendas e preços, e maiores despesas de SG&A.

<b>DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BASE</b>			
<b>VOLUME VENDIDO</b>			
<i>mil toneladas</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Cobre	38	53	55
Níquel	36	58	57
Cobalto	178	554	659
Metais preciosos (onça troy)	110	595	680
PGMs (onça troy)	15	131	136
Bauxita	950	700	-
Alumina	1.408	755	-
Alumínio	112	57	-
<b>RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO</b>			
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Níquel	1.467	2.597	2.330
Cobre	419	895	785
PGMs	25	276	254
Metais preciosos	15	147	144
Cobalto	10	31	38
Alumínio	439	236	-
Alumina	724	394	-
Bauxita	45	34	-
Total	3.144	4.610	3.550
<b>INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS</b>			
	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Margem EBIT (%)	6,9	28,9	11,3
EBITDA (R\$ milhões)	928	2.043	1.203

#### ▪ Fertilizantes

No 2T11, a receita total de fertilizantes aumentou para R\$ 1,382 bilhão, 5,3% acima dos R\$ 1,312 bilhão do trimestre anterior.

A receita com as vendas de potássio totalizou R\$ 108 milhões no 2T11, 3,8% acima do 1T11. O volume de vendas atingiu 138.000 t no 2T11, ligeiramente maior do que 134.000 t no trimestre anterior.

As vendas de produtos de fosfato alcançaram R\$ 930 milhões no 2T11, com um aumento de 4,1% na comparação trimestral. O total de embarques do MAP foi de 133.000 t, TSP de 179.000 t, SSP de 724.000 t, DCP de 145.000 t, e rocha fosfática, 592.000 t.

As vendas de nitrogenados subiram para R\$ 310 milhões, 8,0% acima dos R\$ 287 milhões do trimestre anterior. As vendas de produtos relacionados somaram R\$ 34 milhões no 2T11.

A margem EBIT para o negócio de fertilizantes subiu para 8,2% no 2T11, comparado aos 0,4% do 1T11.

O EBITDA para o negócio de fertilizantes continua crescendo, tendo alcançado R\$ 337 milhões no 2T11, 41,6% superior ao 1T11. O aumento de R\$ 99 milhões em comparação ao trimestre anterior foi devido, principalmente, ao maior volume vendido, R\$ 96 milhões, e pelos maiores preços de venda, R\$ 36 milhões, o que foi parcialmente compensado pela apreciação da moeda brasileira.

<b>DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES</b>			
<b>VOLUME VENDIDO</b>			
<i>mil toneladas</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Potássio	133	134	138
MAP	47	234	133
TSP	71	120	179
SSP	215	544	724
DCP	37	150	145
Nitrogenados	87	298	341
<b>RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO</b>			
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Potássio	98	104	108
Fosfatados	193	893	930
Nitrogenados	64	287	310
Outros	23	28	34
<b>Total</b>	<b>378</b>	<b>1.312</b>	<b>1.382</b>
<b>INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS</b>			
	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Margem EBIT (%)	(4,6)	0,4	8,2
EBITDA (R\$ milhões)	19	238	337

#### ▪ Serviços de logística

Os serviços de logística geraram receita de R\$ 950 milhões no 2T11, 32,1% acima dos R\$ 719 milhões do 1T11.

A receita de transporte ferroviário de carga geral no 2T11 aumentou para R\$ 757 milhões ante R\$ 588 milhões no 1T11, o que foi influenciado pelo início da safra agrícola no Brasil, que se estende pelo segundo e terceiro trimestres.

As ferrovias da Vale – Carajás (EFC), Vitória a Minas (EFVM), Centro Atlântica (FCA) e Norte-Sul (FNS) – bem como a participação proporcional em nossa coligada MRS, transportaram 7,043 bilhões de toneladas por quilômetro útil (tku) de carga geral para clientes no 2T11, 23,8% superior aos 5,687 bilhões tku transportados no 1T11.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 2T11 foram produtos agrícolas (48,0%), insumos e produtos siderúrgicos (33,0%), materiais de construção e produtos florestais (11,3%), combustíveis (6,7%) e outros (1,0%).

Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 6,643 Mt de carga geral no 2T11, 41,3% superior aos 4,702 movimentados no trimestre passado.

O desempenho do negócio de carga geral continua sendo influenciado negativamente pelos efeitos do acidente no terminal marítimo de Praia Mole, no Espírito Santo, em novembro de 2010, quando carregadores de navios foram severamente danificados por fortes ventos que assolaram a região. Entre outras repercussões, o acidente implicou em perdas de volumes de serviços portuários e de transporte ferroviário de produtos de aço e fertilizantes, conduzindo à redução de receitas.

Atrasos de fornecedores na entrega de novas locomotivas para FCA também impactaram os volumes de transporte de carga ferroviária, uma vez que esses novos equipamentos irão substituir outros, que eram

alugados e cujos contratos já expiraram. Em consequência, a frota de locomotivas da FCA está temporariamente reduzida, o que limita sua capacidade de geração de receita.

No 2T11, a margem EBIT foi 0,5%. O desempenho foi influenciado, sobretudo, pelo aumento de custos em nossas operações ferroviárias, principalmente devido aos maiores custos com (i) pessoal na contratação de mais de 300 funcionários; (ii) combustíveis, devido ao aumento dos preços e volumes, e (iii) aumento de serviços de manutenção adiados do 1T11 devido ao período chuvoso.

O EBITDA no segmento de logística foi R\$ 176 milhões no 2T11, 23,1% acima dos R\$ 143 milhões do trimestre anterior.

<b>DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA</b>			
<b>SERVIÇOS DE LOGÍSTICA</b>			
	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Ferrovias ( milhões de tku)	7.474	5.687	7.043
Portos (mil toneladas)	7.099	4.702	6.643
<b>RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO</b>			
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Ferrovias	703	588	757
Portos	192	131	193
<b>Total</b>	<b>895</b>	<b>719</b>	<b>950</b>
<b>INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS</b>			
	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
Margem EBIT (%)	23,5	2,9	0,5
EBITDA (R\$ milhões)	306	143	176

### ✓ INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, [www.vale.com/investidores/resultados](http://www.vale.com/investidores/resultados) e informações financeiras.

### ✓ TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 6 de maio de 2011, sexta-feira, será realizada conferência telefônica e *webcast* às 12:00 horas, horário do Rio de Janeiro, 11:00 horas Nova Iorque, 16:00 horas de Londres, 17:00 horas de Paris e às 23:00 horas de Hong Kong. Os telefones para conexão são:

Participantes do Brasil: (55 11) 4688-6341  
 Participantes dos EUA: (1-800) 860-2442  
 Participantes de outros países: (1-412) 858-4600  
 Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, [www.vale.com/investidores](http://www.vale.com/investidores). Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 6 de maio de 2011.

## ▼ INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

<b>DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO</b>			
<i>R\$ milhões</i>	<b>2T10</b>	<b>1T11</b>	<b>2T11</b>
<b>Receita operacional</b>	<b>18.981</b>	<b>23.573</b>	<b>25.614</b>
Impostos	(511)	(588)	(550)
<b>Receita operacional líquida</b>	<b>18.470</b>	<b>22.985</b>	<b>25.064</b>
Custo dos produtos vendidos	(7.732)	(9.514)	(9.397)
<b>Lucro bruto</b>	<b>10.738</b>	<b>13.471</b>	<b>15.667</b>
Margem bruta (%)	58,1%	58,6%	62,5%
<b>Receitas (Despesas) operacionais</b>	<b>(1.730)</b>	<b>447</b>	<b>(2.502)</b>
Vendas	(123)	(108)	(87)
Administrativas	(540)	(648)	(657)
Pesquisa e desenvolvimento	(359)	(574)	(586)
Outras despesas operacionais, líquidas	(707)	(715)	(1.172)
<b>Ganho na venda de ativos</b>	<b>-</b>	<b>2.492</b>	<b>-</b>
Lucro operacional	9.008	13.918	13.165
Resultado de participações societárias	37	18	81
<b>Resultado financeiro líquido</b>	<b>(1.016)</b>	<b>(268)</b>	<b>925</b>
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	8.029	13.668	14.171
<b>IR e contribuição Social</b>	<b>(1.298)</b>	<b>(2.467)</b>	<b>(3.991)</b>
Resultado das operações descontinuadas	(12)	-	-
Participações minoritárias	(84)	90	95
Lucro líquido	6.635	11.291	10.275
<b>Lucro por ação (R\$)</b>	<b>1,25</b>	<b>2,12</b>	<b>1,94</b>

<b>BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO</b>		
<i>R\$ milhões</i>	<b>31/03/2010</b>	<b>30/06/2011</b>
<b>Ativo</b>		
Circulante	46.569	50.618
Realizável a longo prazo	10.044	8.714
Permanente	160.707	162.904
<b>Total</b>	<b>217.320</b>	<b>222.236</b>
<b>Passivo</b>		
Circulante	21.963	25.651
Exigível a longo prazo	68.372	62.035
Outros	4.287	4.107
<b>Patrimônio líquido</b>	<b>122.698</b>	<b>130.443</b>
Capital social	50.000	75.000
Reservas	81.505	66.781
Notas obrigatoriamente conversíveis em ADRs	1.425	1.392
Ajustes de avaliação patrimonial	(10.232)	(12.730)
<b>Total</b>	<b>217.320</b>	<b>222.236</b>

FLUXO DE CAIXA			
R\$ milhões	2T10	1T11	2T11
<b>Fluxos de caixa provenientes das operações:</b>			
Lucro líquido do período	6.719	11.201	10.180
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Resultado de participações societárias	(37)	(18)	(81)
Resultado na venda de ativos	-	(2.492)	-
Resultado das operações descontinuadas	12	-	-
Depreciação, exaustão e amortização	1.356	1.599	1.553
Imposto de renda e contribuição social diferidos	76	(289)	1.139
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	(334)	494	(350)
Baixa na alienação de bens do imobilizado	94	302	74
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	399	(353)	(369)
Outros	(57)	(48)	(197)
Contas a receber	(2.561)	289	(955)
Estoques	(361)	(1.290)	(181)
Tributos a Recuperar	(102)	(129)	(183)
Outros	(122)	452	(630)
Fornecedores e empreiteiros	786	338	548
Salários e encargos sociais	237	(624)	329
Tributos e Contribuições	617	527	(49)
Outros	(27)	896	(559)
<b>Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais</b>	<b>6.694</b>	<b>10.855</b>	<b>10.268</b>
Aplicações financeiras	22	2.118	869
Empréstimos e adiantamentos	28	(289)	(53)
Garantias e depósitos	(88)	(50)	(269)
Adições em investimentos	(48)	(103)	-
Adições ao imobilizado	(4.153)	(4.892)	(5.888)
Dividendos/juros sobre capital próprio recebidos	70	-	84
Recursos provenientes da alienação de investimentos mantidos para venda	(9.638)	1.795	-
<b>Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento</b>	<b>(13.808)</b>	<b>(1.421)</b>	<b>(5.257)</b>
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	44	(76)	52
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	1.071	959	558
Instituições financeiras	(129)	(2.926)	(83)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas	(2.198)	(1.670)	(3.174)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas não controladores	(103)	-	(93)
<b>Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento</b>	<b>(1.315)</b>	<b>(3.713)</b>	<b>(2.739)</b>
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	(8.430)	5.720	2.272
Caixa e equivalentes no início do período	20.267	13.469	19.139
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	10	(50)	(87)
<b>Caixa e equivalentes no final do período</b>	<b>11.847</b>	<b>19.139</b>	<b>21.323</b>
Juros de curto prazo	(12)	(6)	(10)
Juros de longo prazo	(548)	(581)	(618)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(121)	(1.697)	(1.933)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	(102)	(63)	(101)

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções “Estimativas e projeções” e “Fatores de risco” no Relatório Anual - Form 20F da Vale.